

CRESCIMENTO E COMÉRCIO AGRÍCOLA BRASILEIRO

César Roberto Leite da Silva¹

1 - INTRODUÇÃO

A agricultura dos países menos desenvolvidos perdeu competitividade nas últimas décadas. De uma participação de 40,7% nas exportações mundiais entre 1961-63, passou a participar com 29,7% na média do período 1996-98². Parte desse fraco desempenho pode ser explicada pelas diferenças na condução das políticas públicas (CARVALHO, 1998).

Enquanto a agricultura dos países desenvolvidos contava com volumes crescentes de recursos públicos, a crise econômica iniciada na década de 1970 desarticulou as políticas setoriais nas economias mais pobres, forçando-as a um longo período de ajustamentos com elevados custos sociais. Para as nações endividadas, o ajustamento foi ainda mais traumático porque a crise resultou em forte estrangulamento externo, grandes dificuldades para estabilizar a economia e grave crise fiscal do Estado.

O Brasil não foi exceção. Com a sucessão de dificuldades que teve início na crise do petróleo e culminou na crise da dívida externa, o Estado brasileiro passou a enfrentar fortes constrangimentos sendo forçado a abandonar suas estratégias desenvolvimentistas e se voltar para políticas de curto prazo. Para o setor agrícola, que desde meados da década de 1960 tinha sustentação no programa de modernização, calcado no crédito rural subsidiado e no intenso uso de insumos, os ajustamentos implicaram passar para uma etapa em que se alternam maior e menor disponibilidade de recursos, com ênfase nos objetivos de curto prazo e nítida tendência de redução de apoio público³.

Diante do protecionismo dos países ricos e da insuficiência de suporte público, a agricultura brasileira perdeu capacidade de competição, em particular a partir de 1978, período em que, mesmo produtos cujos fatores apresentaram ganhos expressivos de produtividade, reduziram sua participação no mercado internacional (CARVALHO, 1996).

Na atualidade o País voltou a enfrentar sérias dificuldades em suas relações econômicas com o resto do mundo. A maior abertura econômica, seguida da valorização da moeda nacional, induziu o rápido acúmulo de passivo externo cujo pagamento exigirá enorme esforço de transferência líquida de recursos no futuro próximo. De 0,31% do PIB em 1994 o déficit em transações correntes ultrapassou 4% do PIB entre 1997 e 2001. Isso implica, para não aumentar sua vulnerabilidade, que o País deverá gerar saldos comerciais suficientes, pelo menos, para pagar os juros decorrentes desse endividamento. Entretanto, a balança comercial agrícola nesse período foi crescentemente positiva, indicando, a despeito das restrições apontadas, um padrão razoável de vantagens comparativas.

Para melhor aproveitamento dessas vantagens comparativas é necessário identificar as causas do relativo insucesso no passado e as tendências da demanda mundial para o futuro. Com isso pode-se traçar uma estratégia de exportação capaz de aproveitar as oportunidades e contornar os empecilhos colocados pelo protecionismo dos países desenvolvidos, resultando em importante alavanca para o crescimento econômico sustentado do País.

O objetivo deste trabalho é contribuir para o esclarecimento desta questão, identificando os fatores determinantes da evolução das exportações agrícolas brasileiras no período 1989 a 2001, empregando a técnica Constant Market Share (CMS). O artigo se organiza da seguinte forma: depois desta introdução é discutida a relação entre comércio agrícola e crescimento econômico, ilustrada com algumas informações para

¹Economista, Doutor, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola. O autor agradece o apoio da FA-PESP.

²Pelos dados da FAO, entre 1961 e 1998, a participação dos menos desenvolvidos nas importações cresceu à taxa de 1,2% a.a., enquanto as exportações se retraíram em 1,0% a.a. Nos países desenvolvidos a taxa de crescimento da participação nas exportações foi de 0,5% a.a. contra decréscimo de 0,4% a.a. nas importações agrícolas.

³No Brasil, por algum tempo, a política de preços mínimos representou importante instrumento de apoio ao setor, em

substituição à política de crédito subsidiado. A partir do final dos anos 80s ela também perdeu expressão.

o caso brasileiro. Na seção seguinte são apresentados de forma breve a técnica CMS e os dados utilizados na análise. Seguem-se os resultados, e, para encerrar, algumas considerações.

2 - CRESCIMENTO ECONÔMICO E COMÉRCIO AGRÍCOLA

Na obra *The lever of riches*, Mokyr (1990) afirma que o crescimento econômico pode ser resultado de quatro processos: expansão comercial, efeito escala, investimentos e expansão do estoque de conhecimento. O primeiro deles foi identificado por Adam Smith, quem primeiro argumentou que a maior divisão do trabalho entre nações leva a maior produtividade por meio da especialização.

O efeito escala está associado ao anterior. Se a divisão do trabalho aumenta a prosperidade, então, para pequenas coletividades, o simples crescimento populacional pode levar à especialização e a ganhos em produção porque, até certo ponto, há custos fixos e indivisibilidades que oneram a produção. No entanto, o crescimento contínuo da população gera pressão sobre outros recursos, levando à queda dos retornos e do crescimento econômico.

Os investimentos aumentam o estoque de capital e, conseqüentemente, a produtividade do trabalho. No entanto, para ampliar os investimentos, há necessidade de poupança. Isso implica reduzir o consumo corrente para aumentá-lo no futuro, o que nem sempre é possível, em especial nos países cujas populações já consomem pouco e/ou que não têm acesso à poupança externa.

O crescimento decorrente da expansão do estoque de conhecimento se dá pelo avanço tecnológico, entendido como qualquer mudança no uso de informação para o processo produtivo que resulte em maior eficiência (menor custo). Mokyr (1990) ressalta que o emprego das palavras "*application of information*" é deliberado porque não importa se o crescimento decorre do uso de informação realmente nova ou de difusão de informação já existente para novos usos.

Diante desses quatro caminhos, o primeiro e o último parecem ser as possibilidades mais concretas para o Brasil⁴. A expansão do

comércio exterior é uma imposição, não só para viabilizar o crescimento, mas principalmente pelo estrangulamento externo do País na atualidade. O avanço tecnológico pode vir a ser a chave para o sucesso daqui para frente, até porque dele depende inclusive a própria expansão do comércio exterior. Isso significa que o emprego adequado de informação é o caminho para melhoria da qualidade de vida da população brasileira.

Parece razoável supor que os produtos agrícolas têm mais potencialidade de tornar o comércio internacional "*engine of growth*" para o Brasil. Isso porque, a despeito da perda de competitividade, como atesta Carvalho (1998), a agricultura ainda é o setor que apresenta maiores vantagens comparativas e é de se prever que se mantenha como importante fonte de divisas para o País. Mesmo na etapa em que o comércio exterior brasileiro apresentou déficits comerciais crescentes, o agronegócio brasileiro foi capaz de prover saldos favoráveis expressivos, superando US\$12 bilhões entre 1997 e 2000, e pouco mais de US\$16 bilhões em 2001 (VICENTE et al., 2002)⁵.

Este desempenho excelente ocorreu a despeito da evolução desfavorável dos preços agrícolas internacionais. Silva (2002) estimou que no período que vai de 1978 a 1992 as relações de troca da agricultura brasileira com o resto do mundo diminuíram aproximadamente 66%, enquanto a quantidade exportada se elevou em 36%. Apenas no período mais recente, houve um incremento de 64% no *quantum* exportado, o que explica o notável resultado das exportações agrícolas brasileiras.

Para entender as exportações agrícolas num período de mudanças no padrão de crescimento da agricultura brasileira, Carvalho (1995) aplicou a técnica CMS para uma série de complexos agroindustriais num período de quase duas décadas, 1973 a 1992. Além de suas qualidades, este trabalho é bastante interessante como contraponto à presente análise, porque a dinâmica da agricultura era bem distinta da atual. Como observa a autora, as exportações agrícolas brasileiras perderam dinamismo no início da década de 1980, e, no início da seguinte, seguiram

escala. O aumento dos investimentos, embora desejável, sofre restrição pela escassez de poupança.

⁵Calculado a partir de dados do SECEX/DECEX agregando-se os valores dos capítulos que englobam produtos agrícolas primários e processados.

⁴Se o crescimento econômico é a meta, dadas as dimensões do País, pouco se teria a ganhar em termos de efeito

praticamente estagnadas. O mercado interno passou a ser o principal indutor do crescimento agrícola neste período. Quanto aos resultados, a autora aponta para a importância relativa de dois fenômenos para explicar o desempenho do comércio agrícola: um de natureza exógena, que é o crescimento do comércio mundial, e outro de natureza endógena, que é a competitividade relativa.

3 - METODOLOGIA E BASE EMPÍRICA

3.1 - Constant Market Share (CMS)⁶

A análise CMS pertence à família dos modelos *Shift-Share* (diferencial - estrutural), cujo objetivo é decompor taxas de variação. Essa técnica foi usada pela primeira vez nos Estados Unidos da América para estimar mudanças no emprego entre 1939 e 1954⁷. Para decompor as taxas de variação das exportações agrícolas brasileiras, o modelo foi desenvolvido como se segue.

A participação de um país no comércio internacional é uma função de sua competitividade relativa:

$$s = \frac{q}{Q} = f\left(\frac{c}{C}\right), \quad f'(\cdot) > 0 \quad (1)$$

onde:

s = participação das exportações do país no comércio mundial;

q e Q = quantidades exportadas do país e do mundo, respectivamente;

c e C = competitividade do país e do mundo, respectivamente.

De (1) tem-se $q = S \cdot Q$ que, diferenciada em relação ao tempo:

$$\frac{dq}{dt} = s \cdot \frac{dQ}{dt} + Q \cdot \frac{ds}{dt} = s\dot{Q} + f'\left(\frac{c}{C}\right)Q$$

$$\dot{q} = s\dot{Q} + \dot{s}Q \quad (2)$$

Neste modelo CMS a variação da quantidade exportada do país (\dot{q}) é decomposta

nos efeitos crescimento do comércio ($s\dot{Q}$) e competitividade relativa ($\dot{s}Q$). O sinal desses termos (+ ou -) indica se a variação foi positiva ou negativa.

Até o momento há duas hipóteses implícitas: que o país exporta uma única mercadoria e as exportações se destinam a um único mercado, que pode ser simplesmente o resto do mundo. Entretanto, quando se consideram os diferentes mercados de destino, a variação no *quantum* exportado pode se dever não apenas à evolução do comércio ou da competitividade relativa, mas também da dinâmica econômica dos principais países importadores. Conseqüentemente, se a economia dos principais parceiros comerciais está em crescimento, fatalmente suas exportações aumentam, independentemente do que ocorre com a competitividade relativa⁸. Algebricamente, a expressão (2) é reescrita como:

$$s_i = \frac{q_i}{Q_i} = f_i\left(\frac{c_i}{C_i}\right), \quad f_i'(\cdot) > 0 \quad (3)$$

onde o subscrito i refere-se aos países de destino. O crescimento total das exportações é dado por:

$$\dot{q} = \sum_i s_i \dot{Q}_i + \sum_i \dot{s}_i Q_i \quad (4)$$

que, expandida, torna-se:

$$\dot{q} = s\dot{Q} + \left[\sum_i s_i \dot{Q}_i - s\dot{Q} \right] + \sum_i Q_i \dot{s}_i \quad (5)$$

onde o primeiro termo do lado direito de (5) é o efeito crescimento do comércio, o segundo, efeito destino das exportações, e o último, efeito competitividade.

Quando esta metodologia é aplicada a uma base empírica é necessário pensar em variações discretas no tempo, e não mais em termos de mudanças infinitesimais, possíveis quando se opera com funções contínuas. Além disso, a necessidade de agregar mercadorias heterogêneas impõe que se opere com os valores das exportações, e não quantidades. Por esta razão, o modelo mais simples, que não considera a distinção de mercadorias e mercados, fica:

⁶Este item está inicialmente baseado em Richardson (1971).

⁷Uma apresentação crítica interessante deste método é apresentada por Loveridge; Seltin (1998).

⁸Esta pesquisa segue estudando a importância da pauta no dinamismo das exportações.

$$V^1 - V^0 = rV^0 + (V^1 - V^0 - rV^0) \quad (6)$$

onde V^0 e V^1 são os valores das exportações totais nos períodos 0 (inicial) e 1 (final) e r a variação percentual das importações mundiais entre os períodos 0 e 1. Esta expressão equivale à (2). Para considerar o destino das exportações pode-se escrever:

$$V_i^1 - V_i^0 = r_i V_i^0 + (V_i^1 - V_i^0 - r_i V_i^0) \quad (7)$$

onde o subscrito i refere-se aos mercados de destino. A equação (7) pode ser reescrita como:

$$V_i^1 - V_i^0 = r_i V_i^0 + (r_i - r)V_i^0 + (V_i^1 - V_i^0 - r_i V_i^0) \quad (8)$$

A variação total das exportações é decomposta pela fórmula:

$$V^1 - V^0 = rV^0 + \sum_i (r_i - r)V_i^0 + \sum_i (V_i^1 - V_i^0 - r_i V_i^0) \quad (9)$$

onde:

rV^0 = efeito crescimento do mercado;

$\sum_i (r_i - r)V_i^0$ = efeito destino das exportações; e

$\sum_i (V_i^1 - V_i^0 - r_i V_i^0)$ = efeito competitividade.

3.2 - Base Empírica

A análise das fontes de crescimento das exportações agrícolas brasileiras foi feita com base no valor agregado dos produtos constantes dos capítulos 01 (animais vivos) ao 24 (fumo e seus sucedâneos manufaturados), exceto o 03 (peixes e crustáceos, moluscos e outros invertebrados aquáticos), da Nomenclatura Comum do MERCOSUL (NCM)⁹. Os dados de exportação foram obtidos no Sistema de Análise das Informações de Comércio Exterior, denominado ALLCE-Web, da Secretaria de Comércio Exterior (SECEX) do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC). As consultas foram feitas pela Internet.

⁹Sistema de designação e codificação de mercadorias adotado pelos países integrantes do MERCOSUL desde janeiro de 1995. É baseado no Sistema Harmonizado (SH), um método internacional de classificação de mercadorias com uma estrutura de códigos e respectivas descrições (MDIC, 2003).

Os números das importações mundiais desses complexos são da FAOSTAT, igualmente obtidos pela Internet. Os seguintes blocos econômicos foram considerados os mercados de destino das exportações brasileiras: North América Free Trade Agreement (NAFTA), Ásia, Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) e União Européia (UE). Esses blocos absorveram mais de 80% das exportações agrícolas brasileiras na década de 90 (Tabela 1).

O período coberto pela análise foi dividido em dois subperíodos: 1989-91-1994-96 e 1994-96-1999-01. O emprego de médias trienais objetiva atenuar problemas que poderiam ser causados por mudanças de grandes magnitudes que ocorrem quando se consideram dados anuais. Nunca é demais lembrar que resultados de comparações intertemporais podem ser significativamente alterados de acordo com a escolha das épocas base e atual.

4 - RESULTADOS

Antes de apresentar e comentar os resultados, cabe lembrar que a competitividade está bastante relacionada como os preços relativos. Espera-se que, quando o preço de um bem exportado pelo país diminui em relação ao de um concorrente, sua participação (*share*) no mercado aumenta, porque os importadores preferirão comprar pelo preço menor. Implicitamente está se tratando de quantidades. Entretanto, por falta de dados confiáveis e dos problemas de agregação de bens heterogêneos, este trabalho optou por empregar valores, em dólar corrente.

Como resultado desta opção, os sinais dos resultados só poderiam ser interpretados inequivocamente se a elasticidade de substituição fosse conhecida¹⁰. Quando a participação de um país, expressa em valor, aumenta, este resultado significa aumento da competitividade relativa apenas se a elasticidade de substituição for maior que um, em módulo. Admitindo-se, por hipótese, que os produtos agrícolas exportados pelo Brasil são substitutos perfeitos das mercadorias oferta-

¹⁰A elasticidade de substituição é definida como $\varepsilon = d \log(q_1 / q_2) / d \log(p_1 / p_2)$, onde p_1 e p_2 são os preços da mercadoria exportada pelo país estudado e pelo concorrente, respectivamente, e q_1 e q_2 são as quantidades exportadas.

TABELA 1 - Exportações Agrícolas Brasileiras, Períodos 1989-91 a 1999-01

Bloco	1989-91		1994-96		1999-01	
	US\$1.000	%	US\$1.000	%	US\$1.000	%
NAFTA	1.576.645	18	1.418.913	11	1.297.137	9
Ásia ¹	753.663	9	2.224.589	17	2.240.852	16
MERCOSUL	150.880	2	771.330	6	682.298	5
OPEP	404.055	5	786.906	6	1.248.913	9
UE	4.349.777	50	6.172.448	46	6.210.157	44
Outros	1.515.348	17	2.031.270	15	2.535.915	18
Total	8.750.369	100	13.405.455	100	14.215.272	100

¹Exceto países da OPEP.

Fonte: FAOSTAT (2003) e SECEX/MDIC (2003).

das pelos concorrentes, e sua demanda internacional é elástica, pelo menos os sinais dos resultados podem ser considerados sem maiores problemas.

Examinando os resultados do agregado, observa-se que o crescimento das exportações no primeiro período, 1989-91 a 1994-96, foi mais expressivo que no segundo: 57,21% contra 2,68%. Além disso, as fontes de crescimento foram distintas. No começo da década, o principal impulsionador das exportações foi o efeito comércio mundial (31,92%) e competitividade, o que significa que o Brasil, além de se beneficiar do crescimento geral das importações mundiais de produtos agrícolas, ampliou consideravelmente sua competitividade relativa. O efeito destino das exportações acrescentou pouco, 1,23% (Tabela 2).

TABELA 2 - Fontes de Crescimento das Exportações Agrícolas Brasileiras, Períodos 1989-91-1999-01

Bloco	1989-91 a 1994-96	
	US\$1.000	%
Total	4.139.165	57,21
Comércio mundial	2.309.170	31,92
Destino das exportações	88.751	1,23
Competitividade	1.741.244	24,07
Bloco	1994-96 a 1999-01	
	US\$1.000	%
Total	305.171	2,68
Comércio mundial	-232.892	-2,05
Destino das exportações	23.126	0,20
Competitividade	514.938	4,53

Fonte: Resultados estimados pelo autor a partir de dados da FAOSTAT (2003) e SECEX/MDIC (2003).

No período seguinte, as exportações agrícolas brasileiras cresceram pouco, 2,68%. Apesar disso, o resultado pode ser considerado

bom, tendo em vista a redução do comércio mundial da ordem de 2,05%. Nesse caso, o mérito coube quase que exclusivamente aos ganhos de competitividade de 4,53% (Tabela 2).

Estes resultados indicam que a despeito da queda no dinamismo do comércio mundial de produtos agrícolas, o Brasil conseguiu ampliar suas exportações, em larga medida, graças ao aumento de competitividade.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos últimos trinta anos, a economia e a agricultura brasileiras sofreram profundas transformações. Na década de 1970, o desempenho da economia foi bastante favorável, e a agricultura não destoava do conjunto, retirando parcela considerável de seu dinamismo do setor externo. Na década seguinte a crise econômica e os preços externos desfavoráveis dos produtos agrícolas afetaram as exportações do setor. O consumo doméstico substituiu a demanda externa como fonte de dinamismo.

Na última década do milênio a crise econômica não foi abrandada, mas antes agravada pela liberalização comercial que, em pouco tempo, inverteu uma longa trajetória de superávits comerciais. Surpreendentemente a agricultura evoluiu no sentido contrário. A despeito da apreciação cambial, que só foi corrigida em 1999, a balança comercial agrícola foi fortemente superavitária neste período, atenuando os déficits comerciais do conjunto das mercadorias. A desvalorização cambial de janeiro de 1999 certamente deve ter ajudado a melhorar os resultados do último período, mas, do ponto de vista analítico, deve ter introduzido algum ruído no efeito competitividade, que, numa ótica de médio e longo

prazos, deve ser resultado da incorporação de progresso tecnológico¹¹. Mesmo assim, pode-se concluir que houve uma mudança qualitativa importante no setor, que, além de atender o mercado interno, gerou expressivas receitas cambiais.

Os resultados deste trabalho reforçam a idéia de que importantes transformações ocorreram na agricultura brasileira, mas que muita coisa ainda precisa ser feita. Em primeiro lugar,

nota-se que o mercado para as exportações agrícolas brasileiras é instável, não assegurando um ritmo constante das exportações. Esse fato pode ser explicado, primeiramente, pelos efeitos do comércio mundial, que é instável. Em segundo, pelo efeito destino das exportações, pois as economias dos principais importadores brasileiros também não apresentam um grau de dinamismo compatível com a elevação do consumo de produtos agrícolas. A lição que pode ser tirada dessas conclusões é a necessidade de diversificar a pauta de exportações, incorporando mercadorias cujo consumo seja crescente, e procurar mercados dinâmicos em expansão, que demandem crescentemente as exportações agrícolas brasileiras.

¹¹Para Fajnzylber (1988), competitividade é a capacidade de um país sustentar e expandir sua participação no mercado internacional enquanto eleva, simultaneamente, o nível de vida da população.

LITERATURA CITADA

CARVALHO, F. M. A. de. **O comportamento das exportações brasileiras e a dinâmica do complexo agroindustrial**. 1995. Tese (Doutorado) - Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiróz, Universidade de São Paulo.

CARVALHO, M. A. Competitividade da agricultura brasileira. **Pesquisa & Debate**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 51-74, 1996.

_____. Políticas públicas e competitividade da agricultura. In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA, 25., 1998. Vitória, BA. **Anais...** Vitória: ANPEC, 1998. p. 1511-30.

FAJNZYLBERT, F. Competitividad intrnacional: evolución y lecciones. **Revista de la Cepal**, Santiago, n. 36, p. 7-24, dic.1988.

FAOSTAT database. Disponível em: <<http://apps.fao.org/default.htm>>. Acesso em: mar./abr. 2003.

LOVERIDGE, S.; SELTING, A. C. A review and comparison of shift-share identities. **International Regional Science Riview**, v. 21, n. 1, p. 35-58, 1998.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO. **Classificação de mercadoria na NCM**. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br/comext/secx/mercadoriasncm.html>>. Acesso em: maio 2003.

MOKYR, J. **The lever of riches: technological creativity and economic progress**. Oxford: University Press, 1990. 349 p.

RICHARDSON, J. D. Constant-market share analysis of export growth. **Journal of International Economics**, v. 1, n. 2, May 1991.

SECEX/MDIC. Aliceweb. Disponível em: <<http://alicesweb.desenvolvimento.gov.br>>. Acesso em: mar./abr. 2003.

SILVA, C. R. L. da. Algumas relações de troca na economia brasileira. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 32, n. 7, p. 9-13, jul. 2002.

VICENTE, J. R. et al. **Sistemas de importações e exportações dos agronegócios: conceituação e síntese dos resultados, 1997-2001**. São Paulo: SAA / APTA, maio 2002. (Série Ação APTA, 5).

CRESCIMENTO E COMÉRCIO AGRÍCOLA BRASILEIRO

Informações Econômicas, SP, v.33, n.11, nov. 2003.

RESUMO: Este trabalho procura identificar os principais fatores responsáveis pelas variações das exportações agrícolas brasileiras no período 1989-2001. Emprega a técnica do Constant Market-Share (CMS), para o valor agregado das exportações agrícolas. Os resultados estimados para a primeira metade da década de 1990 indicam que o comércio mundial e a competitividade foram determinantes no crescimento das exportações brasileiras. Na segunda metade da década a competitividade foi o fator preponderante. Como conclusão, recomenda-se adotar a estratégia de diversificar a pauta de exportações, incorporando mercadorias cujo consumo seja crescente, e procurar mercados dinâmicos em expansão, que demandem crescentemente as exportações agrícolas brasileiras, aproveitando as vantagens comparativas já incorporadas pelo setor.

Palavras-chave: exportações agrícolas brasileiras, constant-market-share, competitividade.

GROWTH AND THE BRAZILIAN AGRICULTURAL TRADE

ABSTRACT: The objective of this paper is the study of the behavior of the Brazilian agricultural exports during 1989-2001. Through the use of the constant market-share method, the added value of agricultural exports was extracted. Estimated results for the first half of the 1990's decade indicate that both the world trade and competitiveness were influential in the growth of Brazilian exports. Competitiveness alone proved to be the major growth stimulus to the agricultural export sector in the last half of the decade. As a conclusion, this paper recommends the adoption of a twofold strategy: (i) to increase the level of diversification in exports, incorporating products that are in growing demand, and (ii) to search for dynamic and expanding markets that increasingly rely on Brazilian exports, making use of the comparative advantages already gathered by the sector.

Key-words: Brazilian agricultural exports; constant-market-share, competitiveness.

Recebido em 02/06/2003. Liberado para publicação em 14/07/2003.